

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

MULHER: O DISCURSO DOMINANTE NO CONTEXTO DO
TRABALHO APESAR DA EDUCAÇÃO

Rosângela Rocio Jarros Rodrigues – UEL
jarros@uel.br

Eixo 6: Educação em diferentes contextos, tempos e espaços

Resumo

Busca-se neste artigo refletir acerca do discurso dominante acerca da mulher no contexto do trabalho e a educação. A questão problema é: qual será o o discurso ideológico hegemônico enunciado pelas organizações sobre a mulher e o trabalho? O método é qualitativo e documental. O *corpus* é composto pela revista Exame, as melhores empresas para você trabalhar no Brasil. A análise ancora-se nos pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa. Os resultados parciais indicam que apesar da mulher apresentar índices de escolaridade significativos há maior ocupação dos homens em cargos de chefia e supervisão e há desigualdade salarial entre gêneros. Conclui-se que o discurso dominante justifica a diferença e a desigualdade entre gêneros porque a mulher é “naturalmente” mais frágil, dócil, submissa e ainda tem a questão da maternidade. O desvelamento dos discursos favorece a transformação de valores ideológicos sobre o lugar da mulher no trabalho e sua educação.

Palavras-chave: Educação; Trabalho; Linguagem.

Introdução

Gilberto Freyre (2006) em Casa-Grande e Senzala, escreve um ensaio de sociologia e de história social sobre a formação patriarcal da família brasileira. Em um dos trechos destaca o processo de socialização ao qual as meninas eram submetidas:

À menina, a esta negou-se tudo que de leve parecesse independência. Até levantar a voz na presença dos mais velhos. Tinha-se horror e castigava-se a beliscão a menina respondia ou saliente; adoravam-se as acanhadas, de ar humilde. [...]

As meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, estas viveram sob a mais dura tirania dos pais – depois substituída pela tirania dos maridos. (FREYRE, 2006, p.510)

Durante o período colonial o acesso da mulher à educação foi quase inexistente (HAIDAR, 2008). Logo, é desvelado o modelo de sociedade hegemônica onde o homem detinha o poder econômico e político e a certeza da sua superioridade sobre as mulheres (OLIVEIRA, 1993).

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Convém lembrar da existência de um conjunto de restrições ao acesso das mulheres às escolas, no papel de alunas; até o início do século XIX elas não possuíam a mesma habilitação para pretender ensinar. Somente em 1827 surgiu a primeira regulamentação referente à educação feminina, na qual se permitia o acesso da mulher ao nível educacional elementar, mas não nos mais avançados. (PENA, 1981, p.114)

No tocante ao trabalho como profissão, conforme Pena (1981, p.148), “somente a partir de 1943 passou a mulher a gozar do direito de trabalhar livremente, sem autorização do esposo”. Primeiramente notamos a inserção da mulher em profissões voltadas ao cuidado do outro. “Ao lado da enfermeira, o magistério primário consistia, no século passado, a outra via de acesso respeitável no mercado de trabalho para uma jovem de classe média” (PENA, 1981, p.114).

Os sentidos que envolvem a relação entre a mulher, o trabalho e a educação foram construídos socialmente (BERGER; LUCKMANN, 2013). Um dos mecanismos sociais empregados é o efeito da naturalização da diferença, ou seja, as diferenças de gênero são evocadas para construir e sustentar as desigualdades.

Rodrigues (1992) indica um efeito da naturalização da diferença, a saber, as características como capricho, paciência, leveza, ser cuidadosa, capacidade de organização, estas servirão de justificativas para inseri-las em cargos que não requeiram habilidade socialmente reconhecidas como atributos masculinos como liderança, força física, dedicação integral ao trabalho. Dessa maneira, para Puppim (1994, p.22) “a conformação do lugar e do papel adequado a homens e mulheres se constrói no bojo de um processo de produção social de diferenças que inclui uma pauta de adjetivações para homens e mulheres”.

A produção de sentidos deriva das posições colocadas em jogo num determinado período social e histórico pelas relações de dominação instituídas. E que os modos representativos dessas relações de dominação são reproduzidos por meio dos discursos que tentam se perpetuar.

A construção social identitária do ser mulher privilegiou características da feminilidade ligadas à fragilidade pressupondo incapacidade “natural” a certos trabalhos remunerados. Nessa identidade social circulam valores ideológicos dominantes transmitidos por meio da linguagem, assim, é preciso ir além dos estereótipos construídos socialmente, uma série de já-ditos que precisam ser confrontados (RODRIGUES, 2018).

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

O objetivo deste estudo é tratar do discurso dominante acerca da mulher no contexto do trabalho considerando que a mesma apresenta nível de escolaridade semelhante ou superior ao homem.

Metodologia

Este resumo é um recorte da pesquisa intitulada “A mulher e o trabalho em organizações: os silêncios e os já-ditos” em desenvolvimento numa universidade estadual paranaense, ligada a área de psicologia organizacional e do trabalho.

A pesquisa é qualitativa se apoia nos seguintes pressupostos: a) que seu objeto é histórico, ou seja, é determinado pelo tempo e lugar social, portanto, provisório e dinâmico; b) existe uma identidade entre sujeito e objeto, pois o pesquisador está comprometido com o que estuda; c) que os interesses e visões de mundo, historicamente construídos, são intrínseca e extrinsecamente ideológicos, e d) é essencialmente qualitativa porque trabalha com o universo de valores e significados, conforme Minayo (2011).

Também é uma pesquisa documental entendendo o documento em sua forma ampliada. Os dados são coletados de revista de circulação em todo o território nacional, portanto, de domínio público. O *corpus* é composto pelos exemplares da revista Exame, as “Melhores Empresas para se Trabalhar” no Brasil. A publicação é anual e da Editora Abril. O período abrange os anos de 2000 a 2017. Em especial estuda-se os enunciados contidos na seção das “10 Melhores Empresas”.

Os enunciados que tratam do trabalho da mulher nas organizações são transcritos e interpretados conforme os pressupostos da análise de discurso de linha francesa preconizado por Michel Pechêux (1997). Busca-se analisar entre outros elementos, os já-ditos.

O componente ideológico presente em determinada interação social pode ser identificado no uso da fórmula estereotipada de comunicação. O pré-construído vem carregado de valores ideológicos que perduram historicamente, sendo transmitidos por diferentes gerações e, dessa forma, determinam o comportamento linguageiro da comunidade discursiva específica. “Um sentimento de evidência se associa ao pré-construído, porque ele foi “já-dito” e porque esquecemos quem foi seu enunciador”, ressaltam Charaudeau e Maingueneau

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

(2004, p. 401). A repetição e reiteração do “já-dito” podem constituir uma estratégia discursiva de credibilidade e caracterizar o fenômeno linguístico da locução estereotipada na linguagem.

Resultados e Discussão

O discurso dominante reiterado tantas vezes sobre a mulher retrata os atributos de docilidade, submissão, fragilidade, mesmo que trabalhe oito horas por dia fora de casa e depois, ainda, cuide do lar, filhos e marido, agora dos pais também.

Sobre a desigualdade salarial, o IBGE (2019) publicou em março deste ano que “em 2018, o rendimento médio das mulheres ocupadas com entre 25 e 49 anos de idade (R\$2.050) equivalia a 79,5% do recebido pelos homens (R\$2.579) nesse mesmo grupo etário. Considerando-se a cor ou raça, a proporção do rendimento médio da mulher branca ocupada em relação ao homem branco ocupado (76,2%) era menor que essa razão entre mulher e homem de cor preta ou parda (80,1%)”.

Ainda revelam que “As mulheres trabalham, em média, três horas por semana a mais do que os homens, combinado trabalhos remunerados, afazeres domésticos e cuidados de pessoas. Mesmo assim, e ainda contando com um nível educacional mais alto, elas ganham, em média, 76,5% do rendimento dos homens” (IBGE, 2019, p.1).

Em nossa pesquisa, elegemos a do ano de 2017 (EXAME, 2017) para ilustrar os dados da desigualdade no trabalho, traz no quadro sobre exclusão social os seguintes dados: as profissionais ainda são minoria nos cargos de liderança; a presidência e a direção são ocupados em 84% por homens e 16% por mulheres; os cargos de gerência são preenchidos em 70% por homens e 30% por mulheres; funções de supervisão e chefia são desenvolvidos em 64% por homens e 36 por mulheres; o setor em que as mulheres tem mais representatividade são da educação.

Apesar do quadro de difícil ascensão da mulher aos cargos de liderança, se arvora a promessa discursiva de igualdade, todavia, o que vemos são práticas de segregação sexual. Compreende-se que a desigualdade de gênero é caracterizada pelas relações de poder, logo, as normas e regras de comportamento

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

que uma sociedade constrói acerca do feminino e do masculino implicam numa determinada organização social entre os sexos, ressalta Scott (1991).

Mesmo em tempos atuais os lugares e os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres indicam a permanência naqueles ligados ao cuidado com o outro, voltados à educação como vimos anteriormente. Também verificamos que o lugar de trabalho pouco avança em direção a ascensão aos cargos de liderança e gerência.

A naturalização da diferença tem sido utilizada como valor ideológico para impor à mulher a condição de desigualdade social. Nesse sentido, consoante Cesit (2017) as mulheres não conseguem ascender a cargos mais elevados tanto nas empresas privadas quanto nas instituições públicas, embora tenha crescido um pouco o índice de progressão na carreira. A expansão da escolaridade é um dos fatores mais impactantes da ascensão da mulher ao trabalho e chega a ser superior a dos homens afirma Brsuchini (2007).

As características ressaltadas do gênero feminino pelo mundo do trabalho remunerado atendem aos ideais da manutenção das relações de poder como estão instituídas ao longo do processo histórico, onde o lugar e as atividades são determinadas pelo outro, denotando ações de desigualdade e indiferença.

Conclusões

A pesquisa sobre a mulher, o trabalho e a educação permite a reflexão sobre as condições sociais e históricas que ensejam as raízes das coisas como são, ou melhor, o por que encontramos certas formas de viver e trabalhar, ou ainda, uma ordem que justifica o cotidiano ser como é. É dessa construção social que precisamos tratar, do lugar, da educação e do trabalho criados pelo outro e impostas ao gênero feminino.

A desigualdade salarial e os impedimentos, as vezes sutis, para a ascensão da mulher aos cargos de liderança e gerência apesar do grau de escolaridade alcançado por elas nos propõe a pensar como as mudanças poderão ocorrer e condições de igualdade serem obtidas.

O que constatamos ainda é o discurso hegemônico da naturalização das diferenças. A mulher ainda ganha menos nos mesmos postos de trabalho que o homem ocupa, ainda há resistência para promoção a cargos superiores, ainda a justificativa é porque ela é mais frágil e a maternidade se impõe como problema para trabalhos mais desafiadores. O que realmente mudou?

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Referências

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRUSCHINI, Maria Cristina. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p.537-572, set./dez. 2007.

CESIT. Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho. **Mulheres: mundo do trabalho e autonomia econômica**. As mulheres e o mercado de trabalho. São Paulo: Unicamp, 2017. Caderno 3.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

EXAME. Revista Você S.A. **As melhores empresas para se trabalhar**. São Paulo: Abril, 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. Ed. São Paulo: Global, 2006.

Haidar, Maria de Lurdes Mariotto. **O ensino secundário no Brasil império**. SP: EDUSP, 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de gênero**. Disponível ibge.gov.br março/2019. Acesso em 11/03/2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. 3. ed. SP: Brasiliense, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica do acontecimento: uma crítica afirmação do óbvio**. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril**. RJ: Paz e Terra, 1981.

PUPPIM, Andréa Brandão. Mulheres em cargos de comando. In: BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila (Orgs.). **Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. SP: Fundação Carlos Chagas, 1994. p. 13-36

RODRIGUES, Rosângela Rocio Jarros. Mulher e trabalho: um estudo preliminar do já-dito estereotipado. In: GOBO, Juliano Del (Org.). **A psicologia frente ao contexto contemporâneo**. Ponta Grossa: Atena, dez./2018. v.1, p. 1-14. ISBN 978-85-7247-016-2

SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres**. O século XIX. Porto: Afrontamento, 1991. v.4, p.442-475